

APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar-lhe os doze trabalhos que selecionamos para esse número 05 dos Cadernos do CNLF, sobre a temática geral de “diacronia”.

Apresentamos-lhe, a seguir, os resumos de cada um deles, pela ordem alfabética de seus títulos.

No primeiro, o Prof. Leonardo Samu focaliza os pontos referenciais da história da lingüística, tendo como ponto de partida o método histórico-comparativo. A partir deste modelo investigativo das línguas, tão difundido no século XIX, expõe os fatos históricos que levaram os primeiros interessados nos estudos das línguas a desenvolver e seguir uma forma de estudo pautada em um modelo racional e científico da pesquisa lingüística. Para isto, relata as observações dos mais diferentes cientistas, ou mesmo interessados leigos, na constituição de bases sólidas e racionais que tentassem esclarecer, sobretudo, o parentesco comum entre idiomas de larga tradição literária, tais como o grego, o latim e o sânscrito. Partindo destas observações, mostra os principais fatos históricos ocorridos nos séculos XVII e XVIII que trariam consequências significativas para o pensamento lingüístico do século XIX, fazendo surgir, em 1816, o método histórico-comparativo, método este de grande importância para o pensamento lingüístico atual mesmo após 190 anos de criação.

No segundo, a Professora Camila organiza expositivamente as principais características da escrita gótica, propondo uma repartição em três grandes áreas: a escrita da re-volta, a escrita da abjeção, e a escrita do corpo. Tal repartição serve um propósito organizacional. Ao final do texto, esboça uma justificativa para a importância dos estudos da escrita gótica na atualidade – aí sim o texto deixa de ser somente expositivo.

No terceiro, a Professora *Geysa* traça os caminhos paralelos que a fé e a arte têm percorrido, principalmente no que se refere à religião católica, quando os papas estimularam pintores e escultores da Renascença a produzir obras que permanecem como paradigmas de uma estética que se admira até o momento atual. Ali ela informa que essa ligação resultou na transversalidade da arte com a história e a memória, preservadas em inúmeros locais pela construção de igrejas que indiciam o passado e possibilitam seu resgate, ainda que incompleto. É o que se

DIACRONIA

pode observar ao estudar a Igreja Matriz da Sagrada Família, em Três Corações (MG), cujo histórico se confunde, muitas vezes, com a própria história local, ensejando relações entre essa tríplice forma de produção cultural e simbólica.

No quarto trabalho, o Professor Antonio Domínguez trata do filólogo e humanista Angelo Colocci em relação à lírica galego-portuguesa medieval, com uma especial atenção às notas manuscritas do estudioso italiano, corrigindo erros dos diversos copistas que intervieram no processo de compilação dos mesmos ou chamando a atenção sobre aspectos concretos da produção lírica. Lembra, ali, que as notas que fazem referência a aspectos léxicos ou lingüísticos permitem-nos conhecer algo mais do Colocci humanista, evidenciando o seu conhecimento da literatura medieval provençal e italiana, traçando paralelos entre estas e a poesia dos trovadores galego-portugueses por um lado, e evidenciando pelo outro a sua preocupação pelo estabelecimento de uma língua poética italiana comum, conhecida também como "questione della lingua", tema central das discussões filológicas na Itália de começos do XVI. O objetivo do trabalho é analisar algumas dessas notas, principalmente as de caráter lingüístico.

No quinto, o Professor Leonardo e a aluna Paula, apresentam os estudos sobre a pronominalização de nominais em português, a partir da descrição das formas de tratamento encontradas em textos escritos no início do século XX, utilizando uma amostra específica constituída por 13 bilhetes amorosos, escritos no Rio de Janeiro, em 1908, por Robertina de Souza, encontrados anexos a um processo judicial que investigou o assassinato do amante de Robertina, Álvaro da Silva Mattos, cometido por Arthur Frederico de Noronha, com quem era amasiada há seis anos.

Eles realizam uma análise qualitativa das formas de tratamento utilizadas nas correspondências, levando em consideração os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação de base laboviana e da pragmática sócio-cultural e fazendo uma análise comparativa dos resultados obtidos nessa amostra com os encontrados em outros estudos realizados a partir de textos produzidos por mulheres no século XIX.

No sexto trabalho, Luciana lembra que as primeiras obras de Friedrich Nietzsche propõem uma reflexão sobre o estatuto da Filologia e da História no século XIX, tendo sido professor de filologia da Uni-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

versidade da Basileia, dedicando-se ao estudo da antiguidade grega. Visando assumidamente a elaboração de uma filosofia do trágico, os pressupostos Filológicos e Históricos já não se mostravam compatíveis e suficientes à nova proposta de Nietzsche. Ela analisa a maneira pela qual os argumentos nietzscheanos sobre os gregos são construídos relativamente a uma crítica à Filologia e à História oitocentistas e seus parâmetros metodológicos, entre eles, o a pretensão de estabelecer um discurso verdadeiro através do método crítico.

No sétimo, o Professor Expedito, Emília e Samuel descrevem a linguagem forense característica do gênero textual *Auto de Querrela*, com vistas à compreensão e ao registro ordenado da nomenclatura constitutiva deste tipo de documento, do período de 1802 a 1829, da Capitania do Ceará. Para a elaboração do glossário, utilizam a obra de Ximenes composta por 67 Autos já editados conforme edição semidiplomática, seguindo a orientação das normas adotadas pelo grupo PHPB. A abordagem teórica que deu suporte a essa pesquisa seguiu os princípios da Terminologia, formalizando um glossário de termos jurídicos, cuja nomenclatura inclui: as partes constitutivas dos autos; os sujeitos arrolados nos autos; os crimes ali denunciados e os instrumentos utilizados nos crimes.

No oitavo trabalho, o Professor João apresenta a contribuição de Mattoso Câmara para o estudo dos verbos, sobretudo com o livro póstumo e incompleto *História e Estrutura da Língua Portuguesa e Estrutura da Língua Portuguesa*. O autor tenta demonstrar o porquê de os falantes da língua passarem tantos anos na escola “aprendendo o português” (que já sabem) e sentirem tamanha dificuldade em aprender os verbos (que também já sabem). Lembra, por exemplo, que o sistema verbal não é tão extenso, tão complexo, tão complicado, pois até uma simples criança o apreende. Lembra também que é bom dialogar com alguns aspectos basilares dessas duas obras para se chegar à essência de nosso sistema verbal – sincronicamente português, mas latino em sua diacronia – à busca desses elementos mínimos tão simples que não escapam à percepção de uma simples criança.

No nono trabalho, a Professora Maria Regina Pante analisa o item adverbial **então**, de valor etimológico temporal, nas *Cantigas de Amigo galego-portuguesas* (séculos XII a XIV), a partir de traços + prototípicos de sua classe, como [+ mobilidade], [+ invariabilidade] e

DIACRONIA

[+ referência temporal] e menos prototípicos, como [+ posicionamento fixo], [+ conector] e [+ operador discursivo]. Dessa forma, chega à conclusão de que será possível apontar se naquele período esse item já apresentava traços que poderiam caracterizá-lo como item conjuncional conclusivo, apresentando a trajetória advérbio > conjunção. A escolha do *corpus* se justifica por se tratar de composições que se aproximam da modalidade oral, reproduzindo situações espontâneas de fala.

No décimo, o Professor Jorge demonstra que o aspecto estilístico do trabalho com a língua promovido por José de Alencar revela o caráter dúbio de seu projeto romanesco e, por extensão, do movimento romântico brasileiro. É assim que as propostas de Alencar, se por um lado refletem já certo amadurecimento do sistema literário brasileiro, por outro lado não são levadas às últimas conseqüências. Há, por assim dizer, uma concessão por parte do escritor. Este descompasso que perpassa toda a obra de Alencar e que caracteriza, no final das contas, certa dose de artificialismo por parte do projeto do escritor, deve, porém, merecer compreensão: sendo um pioneiro na reivindicação de um estilo brasileiro de escrever, assunto tão polêmico em época de gramatiquice caturra, não se pode exigir de Alencar total coerência entre teoria e *praxis*, mas somente louvá-lo por ter ajudado a impulsionar e a efetivar um sistema literário caracteristicamente brasileiro.

No décimo primeiro, a Professora Karylleila lembra que o século XIX foi marcado pela necessidade de uma sistematização do conhecimento científico, consubstanciada pelas idéias filosóficas da época: a busca da explicação da origem do homem e o desenvolvimento de todas as coisas. Havia, por parte dos intelectuais desse tempo, um interesse em estudar e pesquisar países e culturas diferentes. A “moda” era analisar e descrever os países “descobertos”: investigar “o outro”. Conhecer, “ao vivo”, quem era esse outro que exerceu, sobre os intelectuais europeus, um desejo e fascínio, mesclado ao misticismo, à exoticalização e à cientificidade. Essa motivação pode ser considerada como a mola propulsora dos viajantes estrangeiros em terra brasileira. É a própria diversidade do real que invoca o problema da alteridade: o fascínio da aventura, da tensão, do sofrimento, e os viajantes naturalistas olhavam para a Província de Goiás como o civilizador europeu etnocêntrico, do que resultou características especiais para a sua toponomástica.

Por fim, o Professor Sérgio faz um estudo interdisciplinar da influência da Maçonaria na História do Brasil, assim como sua ligação

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com os Templários, buscando a sua origem, em meados do século XII e postos na clandestinidade, após um famoso julgamento presidido por Felipe IV. Faz-se, aqui, uma interligação da Literatura Histórica, Literatura de Ficção e Literatura específica da Maçonaria; com o fim de analisar os símbolos, ritos e discursos maçônicos, suas mudanças e permanências.

Grato por continuar à frente dos trabalhos do CiFEFiL e das causas lingüísticas e filológicas brasileiras, não poderia deixar de lhe pedir que nos apresente suas proveitosas e sempre bem-vindas sugestões, que serão aproveitadas para a correção e aperfeiçoamento dos trabalhos que desenvolveremos futuramente.

Rio de Janeiro, junho de 2008.

José Pereira da Silva